



**INTERVENÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA
BRASILEIRA NA CIDADE DE SUSÁ DURANTE A
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1945)**

Johny Santana de Araújo



Resumo: Em princípios de 1945, após a arrancada das forças aliadas em direção ao noroeste da Itália, um evento de ampla divulgação na memória da Força Expedicionária Brasileira (FEB) aconteceu. Foi o encontro das forças brasileira e francesa na cidade de Susa, próxima à fronteira da Itália com a França. O evento normalmente é tratado como um encontro cordial, junção de duas forças aliadas que combatiam um elemento comum, os alemães. O presente artigo pretende descortinar como se deu a missão à luz das intenções francesas para com a ocupação da cidade, e qual o papel da FEB com sentido a garantir a integridade territorial da região para a Itália¹.

Palavras-chave: Força Expedicionária Brasileira; Front Italiano; Exército Francês.

Abstract: In early 1945, after the Allied forces advanced towards northwestern Italy, a widely publicized event in the memory of the Brazilian Expeditionary Force (FEB) took place: the meeting of Brazilian and French forces in the city of Susa, near the border between Italy and France. The event is usually treated as a cordial meeting of two Allied troops that fought a common element, the Germans. This article aims to uncover how the mission took place in light of French intentions to occupy the city, and what role the FEB played in ensuring the territorial integrity of the region for Italy.

Keywords: Brazilian Expeditionary Force; Italian Front; French Army.

A QUESTÃO FRANCO-ITALIANA NA FRONTEIRA ENTRE OS DOIS PAÍSES

É um fato pouco conhecido, sendo um daqueles acontecimentos que advieram nos últimos dias e nas últimas horas da Segunda Guerra Mundial. Insere-se no quadro das rivalidades entre os Aliados ocidentais. Comumente observamos as dificuldades entre os ocidentais, da *U.S. Forces, European Theater* (USFET - Forças dos Estados Unidos no Teatro Europeu), por exemplo, e os soviéticos do *Gruppa Sovietskikh Okkupatsionnyh Voysk v Germanii* (GSOVG - Grupo de Forças de Ocupação Soviéticas na Alemanha), sendo estas dificuldades cada vez mais estudadas em grande medida em decorrência da disponibilidade de um corpo documental já há um certo tempo desclassificado.

Problemas de relacionamento entre as forças aliadas ocidentais também ocorreram, mas são menos observadas em nível mais macro, salvo aquelas que envolvam particularidades de comando cuja historiografia sobre a Segunda Guerra igualmente tem estudado².

Em fins da Segunda Guerra Mundial, uma unidade da Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi protagonista de um evento muito importante para o restabelecimento da fronteira entre a França e a Itália, o 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado.

¹ Este artigo é um resultado parcial de uma pesquisa sobre a Ação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) no contexto de sua atuação como elemento de emprego como força de dissuasão na fase final da guerra, no teatro de operações da Itália, e se insere no Projeto de Pesquisa: Nacionalismos, Guerras modernas e Conflitos contemporâneos, desenvolvido pelo autor e cadastrado junto ao CNPq.

² As dificuldades de relacionamento entre os comandantes aliados eram bastante comuns, e envolvia desde disputa internas quanto ao planejamento estratégico, e aconteceu tanto do lado ocidental quanto do lado dos russos, sobre o relacionamento na cadeia de comando aliado, especialmente o comando Britânico e Norte-Americano na Europa durante a Segunda Guerra, ver: (Gelb, 2018).



O envolvimento do Exército Brasileiro em ação na Itália em operações de contenção e de mediação decorreu da necessidade de implementar uma força que teoricamente fosse neutra, algo que já havia sido discutido pelo alto comando aliado na Itália e no Mediterrâneo em relação ao aproveitamento da FEB. Em uma situação crítica de intervenção direta, Frank McCann nos aponta sobre a possibilidade de atuação da FEB na Áustria como uma força mediadora e neutra³. Mas a narrativa da questão antecede ao século XIX e se relaciona à própria formação dos Estados nacionais francês e italiano.

AVANÇO DO EXÉRCITO FRANCÊS SOBRE O VALE DE AOSTA, SUSA E TURIM

Em 1943, um ano antes da Operação Overlord (desembarque da Normandia) e da Operação Dragão (desembarques no sul da França), o comandante em chefe das forças francesas livres, o general Charles de Gaulle, vinha planejando uma grande ação contra a Itália, em resposta à invasão do sul da França ordenada por Benito Mussolini em junho de 1940, enquanto a França estava caindo para a Alemanha durante a Batalha da França.

De Gaulle ainda se encontrava em Argel quando começou a estudar um plano para ocupar o território italiano que tinha influências francesas: o vale de Aosta, o oeste do Piemonte e as cidades costeiras de Ventimiglia e Imperia, na Ligúria, que contavam com o apoio do serviço de espionagem francês que estava trabalhando para preparar o terreno com fins a anexação⁴.

O Armistício de Cassibile, no entanto, causou a divisão da península italiana entre o Reino da Itália no sul, sob o rei Victorio Emmanuel III, e a República Social Italiana no norte, liderada por Mussolini e sob influência alemã. As condições do Armistício fizeram dos Estados Unidos, do Reino Unido e do Exército Cobeligerante italiano as únicas nações autorizadas a ocupar o território italiano, deixando de fora os franceses (Armistice, 1943).

Após a Operação Dragão, a invasão do sul da França, os Aliados conseguiram levar a campanha até os Alpes no outono de 1944, mas o grosso das operações seria efetivamente executado pelas forças francesas.

A campanha Aliada na Itália, que havia começado no sul com os desembarques na Sicília em julho de 1943, e em Salerno em setembro do mesmo ano, foi progredindo lentamente para o norte durante dois anos, pelo que as partes mais setentrionais do país foram ocupadas pelos alemães e pelas forças colaboracionistas durante um período mais longo⁵.

Mas, entre os objetivos de guerra estabelecidos pelos líderes políticos e militares franceses, estava a anexação do Sarre e dos territórios sob administração italiana. Esses projetos de anexação na Itália variaram e evoluíram desde uma anexação do vale de Aosta até uma anexação da cidade de Turim, ou mesmo de grande parte do Piemonte, como na Era Napoleônica.

Em 1945, De Gaulle conseguiu enviar forças regulares do Exército Francês e guerrilheiros

³ Sobre os encaminhamentos possíveis para a FEB no final da campanha da Itália, ver: McCann, 2015.

⁴ Sobre as atividades secretas com esse fim, ver: Nebiolo, 2010.

⁵ Sobre as operações iniciais dos aliados na Itália e seus desdobramentos seguintes, ver: Mitcham; Stauffenberg, 2007.



para ajudar a resistência italiana perto da cidade de Aosta. Na sequência, alegou aos aliados que poderia ocupar 20 km ao longo da fronteira, e se utilizou desse argumento para reunir uma força de ocupação considerável, próxima da linha de frente e pronta para conquistar o máximo de terras italianas possíveis, do vale de Aosta à Ligúria.

As forças francesas foram autorizadas pelos Aliados a penetrar na Itália a uma profundidade de 30 km após o colapso do Eixo em maio de 1945, embora em alguns lugares tivessem violado esta permissão e penetrado muito mais longe. (Wildgen, 1970).

Assim, após a travessia do rio Reno, De Gaulle lançou tropas francesas baseadas perto de Nice, no departamento dos Alpes Maritime, do outro lado da fronteira italiana, para reparar a indignidade que a França havia sofrido nas mãos de Mussolini no colapso de 1940. Tudo isso foi feito, é claro, sem qualquer aviso, discussão ou coordenação de planejamento com o Comando Supremo Aliado na Itália, chefiado pelo marechal de campo britânico Harold Alexander (Cook, 1983).

Implacavelmente, os franceses avançaram para o norte da Itália, tomando as passagens da Lombardia, a estação de esqui alpina do vale de Aosta e movendo-se ao longo da costa da Ligúria e do interior, a fim de capturar a principal cidade italiana na região, Turim. Tudo isso foi realizado nos primeiros dias de maio, enquanto as forças de Alexander estavam ocupadas ao sul e ao leste, empurrando os alemães para o vale do Pó, tomando Milão, Veneza e indo para Trieste (Ibid.).

Agentes franceses foram enviados para espalhar propaganda e ganhar o apoio da população durante a invasão, mas a maioria dos cidadãos italianos não queria se juntar à França. No dia 27 de abril, oito companhias do exército francês da 7ª *Demi-brigade alpine* (DBA – Meia-brigada Alpina) haviam cruzado o Petit Saint Bernard e o passo de Rhêmes com a intenção de ocupar o vale de Aosta e Turim. Toda a ação foi batizada de Operação Pingouin.

Em 28 de abril de 1945, os guerrilheiros italianos entraram em Aosta, quando então Alessandro Passerin d'Entreves e Carlo Torriente foram nomeados pelo Comitê de Libertação Nacional (CLN) do vale do Aosta, respectivamente, prefeito e vice-prefeito da cidade. Havia um desejo de resistir ao anexionismo francês, o que deu origem até a uma aliança entre soldados da República Social Italiana e *partigiani*, que passaram a lutar lado a lado.

Após a operação, Alexander ordenou ao general Paul-André Doyen que retirasse o *Armée des Alpes* para trás da fronteira franco-italiana, mas o oficial, sob as ordens de De Gaulle, se recusou (Harris, 1957). Doyen disse a Alexander, por escrito, que, “se necessário”, ele estenderia sua recusa a consequências extremas, “de acordo com a ordem do general De Gaulle”. Em outras palavras, ele estava ameaçando atirar em seus aliados. Com isso, Truman e Churchill entraram em ação (Cook, 1983).

Depois de uma troca de mensagens, o primeiro-ministro Churchill telegrafou para Truman a seguinte mensagem: “É muito desagradável para nós sermos abordados nesses termos pelo general De Gaulle”. O presidente dos EUA igualmente foi duro. Em um telegrama para o líder francês, protestou contra a ameaça de Doyen a seus aliados e exigiu a evacuação das forças francesas “até que a resolução das reivindicações que o governo francês deseja formular em relação à fronteira possa ser efetuada normal e racionalmente”. A menos que isso fosse feito, Truman disse com firmeza: “Serei obrigado a suspender a distribuição de equipamentos e munições alocados ao Exército Francês pelos serviços americanos.” (Ibid., p. 281).

Apesar de o presidente norte-americano Truman ter apelado diretamente a De Gaulle, avi-



sando-o de que, dadas as circunstâncias, não tinha outra escolha senão cortar o abastecimento militar e as munições dos EUA, ele continuaria a fornecer rações para suas tropas. (Weinberg; Albert, 1964, p. 569-570).

Turim só foi retomada pelos Aliados no final da ofensiva da Primavera de 1945. Quando a vanguarda das unidades blindadas de reconhecimento da FEB chegou à cidade, esta já estava libertada pelas tropas *partigiani* italianas, que haviam começado a se revoltar contra as forças alemãs e italianas da República Social da Itália, em 25 de abril de 1945.

De Gaulle fez uma retirada tática, mas não estratégica. Ele disse a Truman que estava enviando o chefe do estado-maior das forças francesas, o general Alphonse Pierre Juin, ao quartel-general de Alexander para acertar os detalhes. Juin era um negociador nato, e os franceses, então, gradualmente, se retirariam de Turim e de outros pontos, mas continuariam a manter o território fronteiriço que a Itália posteriormente cedeu no acordo de paz (Cook, 1983).

As hostilidades cessaram oficialmente em 2 de maio. A partir desta data, o *Détachement d'Armée des Alpes* (D.A.Alp) passou a ser considerado como força de ocupação do noroeste da Itália. Os eventos que se seguiram não eram mais de natureza militar. Eles passaram a ser de responsabilidade exclusiva da política internacional. De uma forma muito simbólica, um elemento francês avançou para Turim, onde entrou em contato com as tropas aliadas que já estavam lá. Cedendo à pressão americana, o general De Gaulle finalmente concordou em retirar suas tropas de dentro da fronteira de 1860. Um cronograma para a substituição das tropas francesas na Itália foi acordado com os Aliados e executado. (Riccioli, 1996).

Os soldados franceses recuaram no verão de 1945, exceto das aldeias de Tende e Brigue, que foram posteriormente anexadas com o tratado de paz de 1947 (*Traité de Paix avec l'Italie*. [online]. 10 fev. 1947). Uma parte significativa da população deixou as duas aldeias para evitarem ter que se tornarem cidadãos franceses. (Lipgens, 1982).

Como parte desta luta pelo controle do Piemonte, e enquanto se organizava a resistência civil-militar italiana, o general Mark Clark pediu a um “país neutro” que servisse como força de interposição, a fim de evitar o confronto direto entre o Exército dos EUA e as forças francesas.

DESLOCAMENTO DA FEB E AÇÃO DE INTERVENÇÃO CONTRA O EXÉRCITO FRANCÊS

Desde 25 de abril de 1945, a FEB, que lutava ao lado dos Aliados na Itália, vinha sendo reorganizada na forma de Grupos Táticos (GT) destinados a “atacar” as cidades do norte da Itália, como Piacenza, Alexandria ou Turim, para obter a rendição das últimas unidades alemãs e ocupar estas cidades.

A incumbência atribuída ao 11º GT⁶ foi mais delicada, pois envolvia bloquear a progressão francesa em direção a Turim e impedir a tomada do poder por pequenos grupos separatistas apoiados pela França. O oficial que comandou as primeiras tropas brasileiras no contato foi o capitão Plínio Pitaluga⁷, sendo atribuído ao 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, sob

⁶ Grupamento tático organizado com base no 11º Regimento de Infantaria brasileiro e suas tropas de apoio.

⁷ Sobre as operações de sua unidade ver o seu relatório de operações: Pitaluga, 1947.

o seu comando, e aos soldados de infantaria do I/11º Regimento de Infantaria do major Manoel Rodrigues de Carvalho Lisboa, a missão deter as tropas francesas.



Fig. 1 - O capitão Plínio Pitaluga, ao lado de um veículo de reconhecimento M-8 Greyhound, da unidade sob o seu comando, o 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado da 1ª DIE,

Fonte: Exército Brasileiro

A região de Turim-Susa-Veillane (Avigliana)-Briançon, historicamente já havia sido desde a Idade Média um território de contestação política⁸. Conforme o general João Batista Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, afirmou em suas memórias,

na jornada do dia seguinte, 1º de maio de 1945, o 11º GT continuou encaçando as tropas do LXXV Corpo de Exército inimigo, que retraía ante a ameaça, por oeste, do Destacamento do Exército francês dos Alpes e as dificuldades criadas pelos *partigiani*, guerrilheiros italianos, já em franca insurreição nas principais cidades – Milão, Turim, Brescia – sob o comando do general Rafael Adorna. (Moraes, 2014, p. 363).

Com o objetivo de localizar as unidades do LXXV Corpo de Exército Alemão sob o comando do general Johann Schlemmer, o 11º Grupamento lançou reconhecimentos motorizados em várias direções. No dia 1º de maio a notícia da morte de Hitler havia chegado, já no dia 27 de abril, Mussolini havia sido capturado e na sequência morto pela resistência italiana.

⁸ Foi um dos eixos da estruturação da antiga República dos Escartons, ver sobre: (Fine, 2015)



No decorrer da jornada do dia seguinte, 2 de maio, ocorreria a última missão da Campanha da Itália. O batalhão do major Manoel Lisboa ocupou a cidade de Turim, reconheceu na direção norte os vales do Stura e Orco, e lançou uma forte patrulha em direção noroeste, atingindo a cidade de Susa, a 32 km da fronteira francesa. Nesse momento as forças brasileiras estabeleceram ligação com a 27ª Divisão de Infantaria Alpina, comandada pelo general Eugène Molle, uma grande unidade que integrava o Destacamento do Exército Francês dos Alpes (Moraes, 2014).

Uma das observações mais importantes que evidencia o destaque da ação da tropa brasileira foi feita pelo general de brigada Thorio Benedro de Souza Lima, em seu depoimento de memória:

[...] o I /11º RI tomou parte saliente nas grandes ações da FEB. O “batismo de fogo” foi dramático, [...], mas, posteriormente, o batalhão tomou parte saliente no combate de Castelnuovo. Foi quem conquistou Montese e proporcionou a ligação da Força brasileira com os franceses em Susa, porque foi uma das primeiras tropas aliadas a ocupar a grande cidade de Turim, permitindo que o vale do Pó fosse inteiramente conquistado pelos brasileiros. (Lima, 2001, p. 34)

O moral da tropa brasileira era muito bom, apesar das agruras passadas a pouco, pois segundo Thorio Benedro Lima,

[...] na fase final da luta, à tomada de Turim e à nossa proteção e ligação feita em Susa. Estávamos responsáveis, basicamente, pelas partes norte, leste e sul da cidade, num ângulo de 270 graus, e, nesse patrulhamento, [...], no dia 7 de maio de 1945, numa 2ª feira: Chovia e o frio era intenso. Na manhã de dois, acomodamos a Companhia e fomos fazer reconhecimentos nas partes sul, sudoeste e sudeste da cidade. Ficamos três horas passando por Montieri, Miquelino e Stupidigio, Bolgareto, Bengascaccio; éramos os primeiros aliados que andávamos por lá. (Ibid., p. 40)

As tropas alemãs estavam evacuando para o norte, juntamente com forças italianas que estavam na fronteira da França. Eram ao todo duas divisões, e por conta dos avanços brasileiro e francês, buscavam alcançar os Alpes. Novamente, Thorio Lima nos fala do contato com os franceses e de como a ação destes ajudou na pressão em torno das forças alemãs.

Os franceses estavam no encalço, a Leste, e nós por este lado, procurando fazer um sanduíche. Von Libber, comandante alemão, não queria render-se, a não ser que soubesse da morte oficial de Hitler. Acabamos de tomar conhecimento da ligação do batalhão com os franceses em Susa. Regressei às 17 horas para o quartel que ocupávamos ao sul da cidade, perto das grandes fábricas Fiat. Saímos em seguida para um reconhecimento da zona norte. Foi realizado pelo comandante da 3ª Companhia de Fuzileiros, Hésio Alvim. Para lá nos dirigimos à noite com nossos pelotões e fizemos patrulha até Denaria e Lugheri. No outro dia voltamos às 10 horas para o quartel e logo depois das 15 horas veio ordem de regressarmos para Alessandria, pois a guerra terminara. (Ibid., p. 40).

O encontro com os soldados franceses ocorreu em 2 de maio de 1945 na cidade de Susa. As unidades francesas envolvidas foram os 7º e 13º BCA - *Bataillon de Chasseurs Alpains* (batalhão de caçadores alpinos), unidades pertencentes à 27ª Divisão de Infantaria Alpina. O 7º BCA estava

sob o comando de Buttet, e o 13º BCA era liderado pelo comandante Georges Hérítier.



Fig. 2 - O comandante do 13º BCA, Georges Hérítier, à esquerda, recebendo o estandarte do batalhão antes de se dirigir à conquista do vale de Aosta,

Fonte: Le Dauphiné Libéré.

Sobre a atuação do 7º BCA, o pesquisador Jean Pochard observou que mesmo com todo esforço desempenhado pelo batalhão, os combates que a unidade enfrentou, até a penetração na Itália, haviam sido mais duros do que em outras frentes nos alpes.

Ao contrário dos Alpes do Sul, o inimigo resistiu vigorosamente aqui. No entanto, a partir de 26 de abril, por passagens secundárias, os Chasseurs Alpains franceses conseguiram invadir o Val di Susa e o Val d'Aosta. Quando o armistício foi assinado em Caserta em 29 de abril, não apenas todos os Alpes franceses foram libertados, mas nossos caçadores estavam às portas de Ivrea e passaram por Bussoleno na estrada para Turim. (Pochard, 1980, p. 19).

Segundo o autor, esta ação acabou sendo relegada, pois “eles, permaneceram em sua posição no Vale de Aosta até o final de junho, quando a França se resignou a respeitar os acordos intera-



liados que deixavam a Itália apenas para os anglo-americanos.” (Ibid., p. 19). Por questões políticas que estavam acima de suas vontades, tiveram que deixar as posições conquistadas na Itália.

As memórias desse encontro ainda são controversas, apesar da cordialidade aparente das forças. O pesquisador francês Daniel Besson revelou em entrevista que o general Alain Le Ray, que havia participado da campanha do vale de Aosta quando era tenente-coronel comandante da 7ª Meia-brigada de Caçadores Alpinos, havia confirmado três elementos importantes para a compreensão da missão.

Segundo Le Ray, as forças francesas receberam ordens para ocupar militarmente o vale de Aosta até Turim, e apoiar movimentos separatistas em Susa e Piemonte; e que foram de fato os soldados brasileiros que “bloquearam” os elementos franceses em Susa (Besson, 2020), e, finalmente, que os soldados brasileiros enviados para Susa impressionaram os soldados franceses com dois equipamentos: os facões, que certos soldados brasileiros traziam consigo, e os veículos M-8 Greyhound, que a unidade de reconhecimento utilizava (Ibid.). A unidade estava sob o comando do capitão Plínio Pitaluga, sendo um dos grandes teóricos durante os combates da Campanha italiana.

O desempenho de Pitaluga foi muito conciliador e decisivo, como observado pelo pesquisador Giovanni Sulla, que afirmou ao diplomata Aurimar Nunes que “[...] o capitão Plínio Pitaluga, ‘com muita diplomacia’, convenceu os franceses a retornarem para os limites de seu território, o que foi uma relevante conquista simbólica, levada a termo pelas forças brasileiras [...]” (Nunes, 2020, p. 81).

Sulla destacou ainda o papel de manutenção da ordem proporcionada pelas tropas brasileiras nas cidades “[...] para as quais foram enviadas, tais como Alessandria, Turim e Susa,” pois, segundo consta, a FEB teria evitado uma série de justicamentos a serem promovidos pelos partigiani e comunistas italianos, que pretendiam se vingar de seus patrícios que haviam apoiado Mussolini (Ibid., p. 81).

Há muito a ser investigado a respeito desta ação protagonizada por duas unidades da FEB, mas os franceses deixaram de fato a região, e os elementos do 13º BCA que desfilaram em Turim em 2 de maio de 1945 o fizeram sob a precaução vigilante das tropas aliadas, incluindo os soldados brasileiros da FEB que lá estavam acompanhando a cerimônia.

CONCLUSÃO

Dentro da pesquisa sobre a memória da FEB, muito se tem estudado sobre as ações diretas nos combates, uma epopeia marcante, se levarmos em consideração a grandiosidade da sua atuação.

O evento aqui estudado nos ajuda a compreender uma dimensão igualmente muito importante nos teatros de operação que é ação preventiva de diplomacia militar, o que em nosso entendimento ajuda a mensurar que a atuação de FEB junto à fronteira da Itália com a França deixou um legado significativo na constituição das relações franco-italianas, ainda estremecidas por conta da guerra. E que, no fundo, trazia elementos constituintes de suas nacionalidades indefinidas em uma região fronteiriça cuja diretriz de um Estado vitorioso, a França, poderia ter definido sobre



a ocupação de um território que não era seu de direito, apesar da composição cultural ter forte influência francesa.

A ausência da governança do estado italiano que garantisse a presença soberana sob o seu território foi assegurada pela ação eficiente de tropas brasileiras que atuaram positivamente dentro dos preceitos do alto comando aliado.

A dimensão do problema que atingiu a intervenção direta dos governos norte-americano e britânico junto aos franceses dá uma compreensão do quanto foi significativa a presença intimidadora das forças brasileiras, que se portaram com total profissionalismo e disposição para entrar em combate se necessário, a fim de resguardar o direito dos italianos do vale de Aosta de continuarem a ser italianos. As expectativas dos separatistas, no entanto, não pararam no Piemonte com a partida das tropas alpinas francesas; as questões permaneceram para serem definidas e duraram até 1947.



BIBLIOGRAFIA

ARMISTICE with Italy; September 3, 1943. *Treaties and Other International Agreements of the United States of America 1776-1949*. Compiled under the direction of Charles I. Bevans LL.B. *Assistant Legal Advisor Department of State*. V. 3 Multilateral 1931-1945. Department of State Publication 8484 Washington, DC : Government Printing Office, 1969.

BESSON, Daniel; BESSON, Sônia. Il y a 75 ans, le 2 mai 1945, l'armée Brésilienne empêchait la France d'annexer le Val d'Aoste, Turin et le Piémont, 02/05/2020. In: *Ice Station Zebra*. Disponível em: <http://zebrastationpolaire.over-blog.com/2020/05/il-y-a-75-ans-le-2-mai-1945-l-armee-bresilienne-empechait-la-france-d-annexer-le-val-d-aoste-turin-et-le-piemont.html>. Acesso em: 12 dez. 2023.

COOK, Don. Charles De Gaulle: *A Biography*. New York: G.P. Putnam's Sons, 1983.

FINE, Jean-Paul. *La principauté des libertés ou la République des Escartons*. Val-des-Prés: Éditions Transhumances, 2015.

GELB, Norman. *Ike and Monty: generals at war*. Leicester: Sharpe Books, 2018.

HARRIS. C.R.S. *Allied military administration of Italy 1943-1945*. London: Her Majesty's Stationery Office, 1957.

LIMA, Thorio Benedito de Souza. Entrevista. In: MOTTA, Aricildes de Moraes. *História oral do Exército na segunda guerra mundial*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001.

LIPGENS, Walter. *A History of European Integration: 1945-1947*. V. 1. Oxford: Clarendon Press, 1982.

McCANN, Frank. The Rise and Fall of the Brazilian-American Military Alliance, 1942-1977. *Esboços: histórias em contextos globais*, [S.l.], v. 22, n. 34, p. 13-60, 2015. DOI: 10.5007/2175-7976.2015v22n34p13. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2015v22n34p13>. Acesso em: 9 set. 2024.

MITCHAM, Samuel W.; STAUFFENBERG, Friedrich von. *The Battle of Sicily: How the Allies lost their chance for total victory*. Mechanicsburg: Stackpole Books, 2007.

MORAES, J. B. Mascarenhas de. *Memórias*. 3.ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército,



2014.

NEBIOLO, Gino. *Soldati e spies*. Milano: Cairoeditore, 2010.

NUNES, Aurimar Jacobino de Barros. *O Itamaraty e a Força Expedicionária Brasileira (FEB): o legado da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial como ativo de política externa*. Brasília: FUNAG, 2020.

PITALUGA, Plínio. *Relatório do 1º Esquadrão de Reconhecimento/1ª Divisão de Infantaria da F.E.B.* [s.l.]. S.G.M.G. Gabinete Fotocartográfico, 1947.

POCHARD, Jean. Les Diables bleus: Les Chasseurs Alpains en Savoie. L'histoire en Savoie *Revue trimestrielle historique* n. 57, mars, 1980. Disponível em: https://www.ssha.fr/images/com_hikashop/pdf/gratuit/chasseurs_alpins_en_savoie.pdf Acessado em: 6 set. 2024.

RICCIOLI, Jean-Louis. La deuxième bataille des Alpes: printemps 1945 [article]. *Cahiers de la Méditerranée*. Année 1996, 52, pp. 93-118.

TRAITÉ de Paix avec l'Italie. [online]. 10-02-1947. Consulted on 07 set.-2024. Retrieved from <https://www.cvce.eu/s/95>.

WEINBERG, Harry L. Coles, ALBERT K. *United States Army in World War II. Special Studies...: Civil affairs: soldiers become governors*. Government Printing Office. 1964

WILDGEN, John K. The Liberation of the Valle d'Aosta, 1943–1945. *Journal of Modern History*, n. 42, v. 1, 1970.



Johnny Santana de Araújo é professor do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí (UFPI); do Programa de Pós-graduação em História do Brasil e do Programa de Pós-graduação em Ciência Política ambos na UFPI. É Socio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; membro do Corpo de Pesquisadores Associados do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército integrado a Diretoria de Patrimônio Histórico e Cultural do Exército, e investigador colaborador junto ao Grupo de Investigação de História Militar do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal.